

JUBILEU EM ENFERMAGEM

JUBILEE IN NURSING

*Stella Sena

Homenagem da Associação dos Enfermeiros Aposentados da Bahia à Primeira Turma de Diplomadas pela Escola de Enfermagem da Universidade Federal da Bahia

Certamente, o sol brilhava na manhã de 9 de dezembro de 1950, num céu muito azul desta cidade nossa de eterno verão. Naquele dia, inaugurava-se o prédio construído com a finalidade específica de abrigar o curso de Enfermagem, aprovado por decreto lei, quatro anos antes. Mais um curso na recém-instalada Universidade da Bahia.

Certamente, entre os muitos sorrisos de quantos compareceram à solenidade a expressarem alegria e, porque não afirmar, um certo orgulho pela nossa Universidade, o do Magnífico Reitor Edgar Santos era, sem dúvida, o mais amplo e feliz. Via, concretizado, naquele momento, mais um sonho seu, dos tantos que sonhou, dos muitos que realizou.

Certamente, uma lua cheia prateava, naquela noite de 9 de dezembro de 1950, no Terreiro de Jesus, onde a então Faculdade de Medicina, de lembranças marcantes na história científica e na história social de Salvador.

Certamente, no salão nobre da Faculdade, iluminado para o ato solene da colação de grau da primeira turma de Enfermeiras, que se formava pela Escola de Enfermagem da Universidade da Bahia (ainda não era Universidade Federal), havia muitos sorrisos, muita alegria.

Professores, familiares e amigos das formadas compartilhavam com elas a emoção do momento. O paraninfo, prof. Dr. Adriano Pondé, ressaltou, em seu discurso, o quanto lhe honrava ter sido escolhido para paraninfo daquela primeira turma de enfermagem e exaltou a importância do curso e seu alto nível, o que lhe conferia lugar de destaque dentre os da Universidade.

A oradora da turma, Maria Julieta Calmon Villas Boas discursou em nome de todas, relatando o que fora o curso, e de como a sensação de dever cumprido era confortante, ao término de quatro anos de lutas, de vitórias, de obstáculos vencidos e alegrias partilhadas. Ressaltou, a oradora, a importância do trabalho da primeira diretora da Escola, Professora Haydée Dourado, que veio da Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo. A firmeza de suas idéias sobre uma enfermagem moderna, seus conhecimentos técnicos e científicos, seu jeito tranqüilo mas decidido marcaram de forma significativa a sua passagem pela Escola, inspirando, provavelmente, as diretoras que lhe sucederam.

Uma vez graduadas, o mercado de trabalho de cidade de Salvador, ou mesmo fora dela, passava a contar com enfermeiras cuja formação estaria à altura dos avanços que o Hospital das

*Professora aposentada da Escola de Enfermagem da UFBA

Clínicas, recentemente inaugurado (nosso hospital universitário) e a própria medicina local, já reclamavam.

Ali estavam, naquele salão nobre, sete jovens corajosas, cheias de energia e esperança, totalmente imbuídas de um espírito desbravador, voltadas, todas elas, emocional e profissionalmente, para a causa de uma enfermagem renovadora.

Não fora fácil a vida de estudante para aquelas jovens. Os estudos teóricos não contavam com uma farta bibliografia; os estágios não tinham, ainda, campos bem definidos, tanto que a aprendizagem das especialidades foi realizada em São Paulo, no último ano de estudos; o prédio onde funcionava a Escola de Enfermagem, oferecendo o conforto da residência para suas alunas, não fora, ainda, concluído as estudantes a morarem em locais nem sempre próximos aos dos estágios. Então, para chegar um pouco antes das sete horas nas enfermarias dos hospitais onde estagiavam, devidamente uniformizadas, aquelas jovens corajosas, precisavam sair de suas casas muito cedo, algumas, até, às cinco e meia da manhã, com o dia a despontar – felizmente, para elas, ainda não havia o horário de verão, quando nesta hora tudo está escuro e a cidade deserta.

O curso de enfermagem era o que se costumava chamar de um curso “puxado”. As manhãs, geralmente, dedicadas aos estágios, e as tardes às aulas teóricas, obrigavam a utilização das noites para estudar e preparar trabalhos. E ainda vale a pena lembrar que a formação profissional incluía alguns plantões noturnos.

E o último ano, cursado em São Paulo? Estavam longe da família e dos amigos. E quando chegava aquele frio paulistano, enregelando os ossos daquelas sete nordestinas, acostumadas ao verão de ano inteiro da Bahia? Então, batia saudade, desânimo e tristeza; mas logo uma animava a outra e uma por todas e todas por uma, a crise era vencida e a força e a coragem se restabeleciam.

Assim, o ano passou, com um excelente aprendizado. Os novos conhecimentos consolidados esperavam pela prática. E a prática chegou no trabalho pioneiro de cada uma.

As sete jovens corajosas foram ser professoras da Escola, enfermeiras chefes e plantonistas do Hospital das Clínicas; foram exercer a profissão em outros lugares e até em outros países.

Neste momento tão especial, impossível deixar de mencionar a participação efetiva na formação das primeiras turmas de enfermeiras, de professores da Faculdade de Medicina como: Eduardo Araújo, Jorge Novís, Magalhães Neto, Alexandre Leal Costa, todos de saudosa memória, que participaram do corpo docente da Escola, em seus primeiros anos.

Impossível não lembrar Dr. Cícero Adolfo da Silva, médico da Escola, cuidadoso e atento com a saúde e o bem-estar de cada uma das alunas, fatores indispensáveis ao bom desempenho escolar. O nosso Dr. Cícero partilhando agora desta alegria.

Impossível não lembrar os Professores Trípolli Gaudenzi e Edgard Pires da Veiga relembando, 50 anos depois, como foram aqueles dias.

Impossível esquecer a atuação firme e a competente enfermagem de Clayde Barroso de Oliveira, cearense que veio de São Paulo para ensinar enfermagem na Escola da Bahia e nunca mais nos deixou. Aqui fincou raízes: marido, filhos, amigos. Aqui permanece, aposentada, mas atuante e presente em qualquer movimento que se relacione com a enfermagem.

As sete jovens que naquele dia 9 de dezembro de 1950 receberam seus diplomas de enfermeiras pela Universidade da Bahia, começaram como oito.

Jamile Cabús – que não concluiu o curso; Leônia Melro de Freitas; Maria Helena Resende Ribeiro; Maria Ivete Ribeiro de Oliveira; Maria José de Oliveira; Maria Julieta Calmon Villas Boas; Nilza Marques Garcia; Stella Alves Santos.

As sete, já não são o mesmo número. Nilza Garcia, por muitos anos à frente dos destinos da Escola de Enfermagem, como sua diretora, já não está neste plano terrestre, atuando agora em novas dimensões. Contudo, em presença espiritual, certamente, participa deste momento de júbilo.

E assim, a vida determinando destinos, uniu aquelas jovens por 4 anos consecutivos; depois separou algumas, manteve unidas outras.

Maria José de Oliveira tem dedicado sua vida à enfermagem distinguindo-se como professora e diretora da Escola, Chefe do Serviço de Enfermagem do Hospital Universitário Prof. Edgard Santos e do Serviço Médico da UFBA, onde deixou sua marca de dedicação e eficiência. Hoje, aposentada e incapaz de desligar-se da enfermagem, atua como Presidente da Associação das Enfermeiras Aposentadas da Bahia.

Maria Julieta Calmon Villas Boas, depois de ensinar na Escola Enfermagem por algum tempo, cumpriu seu destino maior, o qual não exclui a enfermagem: tornou-se Irmã Joana da Ordem das Beneditinas. Esteve fora da Bahia, voltando para desenvolver aqui um expressivo trabalho de assistência fraterna. A atividade de Irmã Joana e suas companheiras de ordem religiosa extrapola esta comunidade de Coutos, atingindo, senão física, mas espiritualmente, pessoas que se miram no exemplo de verdadeira caridade cristã que nos dão a cada dia. Que esta atividade perdure por muitos anos ainda, com a graça de Deus.

Maria Ivete Ribeiro de Oliveira dedicou-se à escola de Enfermagem nos primeiros anos de

sua carreira universitária, estendendo sua atuação para outras áreas da Universidade Federal da Bahia onde se projetou, projetando, consequentemente, a Escola. Foi agraciada com o título de “Professora Emérita” da UFBA ao se aposentar. Dotada de imensa capacidade de vencer obstáculos e de grande poder de determinação, Ivete é, atualmente, Presidente do Banco da Mulher, em Salvador; continua ascendendo, projetando, produzindo, realizando.

Aquelas sete jovens corajosas, pioneiras da enfermagem na Bahia, exerceram sua profissão com amor e entusiasmo, ainda que obrigações familiares tornasse, às vezes, difícil a conciliação entre os dois campos de suas atenções e afeições.

Certamente, aquelas sete jovens representaram, e representam ainda, para nós que as seguimos na profissão, um grande exemplo de seriedade no trabalho, de entusiasmo e amor à enfermagem. Quiçá tal exemplo seja seguido por muitas e muitas gerações de enfermeiros.

Salvador, 09 de dezembro de 2000.